

# UM MÉTODO HERMENÊUTICO-GADAMERIANO DE ANÁLISE DE DADOS EM PESQUISA QUALITATIVA

## GADAMER'S HERMENEUTICS AS A METHOD OF DATA ANALYSIS IN QUALITATIVE RESEARCH

### **Romano Deluque Júnior;**

Aluno Especial do Doutorado em Saúde e Desenvolvimento da Região Centro-Oeste da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Mestrando em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) com Bolsa CAPES/PROSUC; Graduado em Psicologia pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP) (Autor de Correspondência).

E-mail: [romanodeluque@gmail.com](mailto:romanodeluque@gmail.com) Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0992-8043>

### **Márcio Luís Costa;**

Doutor e mestre em Filosofia pela Universidad Nacional Autónoma de México. Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior e formado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT). Coordenador do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Editor responsável pela revista Psicologia e Saúde.

E-mail: [marcius1962@gmail.com](mailto:marcius1962@gmail.com) Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0412-4812>

### **Contribuição dos autores:**

Romano Deluque Júnior: Foi responsável pela concepção, desenho e elaboração do manuscrito.

Márcio Luís Costa: Participou da concepção, desenho, revisão e aprovação da versão final do manuscrito.

**Fonte de financiamento:** Não há.

**RESUMO:**

Objetiva-se aqui lançar luz ao método hermenêutico-fenomenológico de se operar em pesquisa qualitativa, e através desse, proceder à compreensão das falas e vivências das pessoas ouvidas no processo de pesquisa. Especificamente, as reflexões aqui desenvolvidas estarão relacionadas à Hermenêutica Filosófica de Hans-Georg Gadamer. Nesse sentido, a principal preocupação da análise hermenêutica repousa sobre fazer emergir, a partir do compartilhamento de uma fala sobre uma experiência humana, significados que possam ser explicados e, assim, ressoar aos ouvidos dos ouvintes e leitores. E nessa tarefa, há o intuito de revelar o que repousa "sobre", "entre" e por "de trás" daquelas palavras que foram ditas, de modo a tentar traduzir, ou ao menos se aproximar, da verdade de mundo, do contexto, e do fenômeno pelas lentes da pessoa entrevistada. A Hermenêutica pode ser utilizada, inclusive como ferramenta de análise de dados dentro da pesquisa qualitativa, então apresenta-se aqui a estratégia de análise "elaboração de histórias". Tal método exige que o pesquisador trabalhe "junto" aos dados obtidos, e não "com" eles. Isso significa "habitar" o texto transcrito e confrontá-lo, até que dele se possa extrair uma descrição vívida, contextualizada, e reveladora sobre as nuances do fenômeno inquirido.

**Palavras-chave:** Hermenêutica, Gadamer, Análise de Dados, Pesquisa Qualitativa, Método.

**ABSTRACT:**

The objective here is to shed light on the hermeneutic-phenomenological method of operating in qualitative research, and through this, proceed to understand the speeches and experiences of the people heard in the research process. Specifically, the reflections developed here will be related to the Philosophical Hermeneutics of Hans-Georg Gadamer. In this sense, the main concern of the hermeneutic analysis rests on making meanings that can be explained, through the sharing of a speech about a human experience, resonate with the ears of the listeners and readers. And in this task, there is the intention to reveal what lies "on", "between" and by "behind" those words that were said, in order to try to translate, or at least approach, the truth of the world, the context, and the phenomenon through the lens of the person interviewed. Hermeneutics can be used, also as a data analysis tool within qualitative research, so here is presented the analysis strategy "elaboration of stories". Such a method requires the researcher to work "together" with the data obtained, and not "with" them. This means 'inhabiting' the transcribed text and confronting it, until a vivid, contextualized, and revealing description about the nuances of the surveyed phenomenon can be extracted from it.

**Keywords:** Hermeneutics, Gadamer, Data Analysis, Qualitative Research, Method.

## INTRODUÇÃO

Frente à fenomenalidade da vida cotidiana, histórias são frequentemente contadas e, evocam toda uma sorte de emoções e significados. Há aí, quase sempre, uma relação dialética: se algo é contado, então logo, se dirige a alguém. Quanto a isso, Gadamer (1997) sugere que novas possibilidades de compreensão “são dadas” ao ser humano quando alguém se dirige, por meio da linguagem, a ele. Trata-se pois, de uma atitude natural e inerente ao ser-no-mundo (*dasein*), e relaciona-se àquilo que Dilthey, seguindo Schleiermacher, introduz como sendo um círculo hermenêutico (GADAMER, 1997). Tal circularidade, não se trata de uma metáfora metafísica, mas de um conceito lógico que “representa a descrição adequada da estrutura do compreender” (GADAMER, 1997 p. 331).

Diante disso, é possível argumentar que, como parte integrante de um círculo hermenêutico, experiências contadas possuem seus significados passíveis de serem capturados através da interpretação contextualizada de suas próprias histórias (PATTON, 2014; CROWTHER et al., 2016). A visada da hermenêutica parece poder contribuir com esse propósito, pois apresenta-se como uma abordagem ontológica centrada na atitude de “ser” humano, e que intenta a um distanciamento de uma dicotomia do “certo” e “errado”, ao mesmo tempo em que concebe o ser humano enquanto um ser criativo, intuitivo e imerso num mundo de experiências dialéticas (GADAMER, 1997; HEIDEGGER, 1962).

No âmbito das aproximações científicas em pesquisa, a hermenêutica pode auxiliar o pesquisador na revelação de aspectos do fenômeno pesquisado que raramente são notados, descritos ou levados em consideração (CROWTHER et al., 2016). Uma vez em atitude hermenêutica, deve passar a ser a intenção do pesquisador, iluminar aquilo que é essencial porém muitas vezes esquecido: as dimensões da experiência humana que compõem a um estado de atenção e de futura reflexões (SPENCE, 2016; CROWTHER et al., 2016).

Nesse sentido, pode-se compreender que a atitude pessoal frente as etapas de uma determinada pesquisa está intrinsecamente ligada à atitude de “querer-saber” do

pesquisador hermeneuta (SPENCE, 2016). Por meio dos procedimentos adotados, tais como a coleta de dados, estrutura de análise, e síntese dos resultados esse pesquisador experiencia um sentimento de perplexidade diante de seu objeto de pesquisa, e passa a iniciar portanto, uma redução fenomenológica sobre o fenômeno estudado objetivando-se à resolução de um problema de pesquisa ou uma interrogação norteadora dessa mesma pesquisa (KLUTH, 2005).

Essa tarefa demanda a escolha de um referencial teórico que seja, aos olhos do investigador, adequado ao fenômeno estudado, para que se possa assim, por meio de um rigor instrumental, possibilitar o emergir de um saber fidedigno no que concerne ao fenômeno intuído (KLUTH, 2005; VASCONCELOS; ARCOVERDE, 2007). No âmbito das pesquisas qualitativas, isso envolve, muitas das vezes, um interpelar, um perguntar para a pessoa do outro, e esse mesmo ato supõe uma atitude filosófica de reconhecer o outro como outro (COSTA; BERNARDES, 2013), pois se há pergunta, há também o desejo e a expectativa daquilo que pode advir como resposta (GADAMER, 1997).

A atitude pesquisadora adquire então nuances de admiração (BORNHEIM, 1998). E dessa forma, distâncias devem ser encurtadas entre o objeto de admiração e aquele que o admira (KLUTH, 2005), até porque, para se perceber o outro como outro, importa reconhecer que, mesmo possuindo saberes apriorísticos, que permitam formular hipóteses e suposições a respeito desse outro, na verdade não se sabe nada, ou sabe-se muito pouco sobre o mesmo (GADAMER, 1997). Eis que sobrevêm uma tarefa hermenêutica que demandará, *a posteriori*, a elaboração e a reconvenção de tais saberes apriorísticos (PECK; MUMMERY, 2018; SPENCE, 2016).

Diante disso, novas compreensões sobre um determinado fenômeno devem ser construídas distantemente de uma atitude dogmática e, portanto, aproximando-se de uma atitude de abertura diante de um entendimento potencialmente novo (SPENCE, 2016), o que pede, sem dúvida, uma reflexão acerca dos próprios preconceitos (GADAMER, 1997) e a adoção de técnicas e métodos de pesquisa que possibilitem,

fenomenologicamente falando, “ir às coisas mesmas”<sup>1</sup> (DITTRICH; LEOPARDI, 2015; STRUCHINER, 2007). Tal atitude não significa porém, falta de rigor ou de método, mas sim que diante de uma tarefa de pesquisa é natural que se forme uma coexistência estrutural entre pesquisador e objeto pesquisado (KLUTH, 2005), e esse fenômeno é intencional e espontâneo, bastante distante de uma pretendida relação de neutralidade.

Nessa atitude o pesquisador não deve perder contato com o horizonte do fenômeno pesquisado, isso significa caminhar a uma posição empática em relação a realidade que existe e atua no entorno do outro (BICUDO, 2010), aqui compreendido como a pessoa interpelada, e tida como objeto de pesquisa. O rigor do ato de pesquisar, em uma perspectiva hermenêutica, não se estabelece pela reprodução de uma técnica ou de um método, mas pela compreensão de que esse mesmo ato envolve uma atividade humana (KLUTH, 2005), que é meio para se chegar a uma síntese das verdades que, nasce da ótica dos envolvidos diretamente no fenômeno pesquisado e atravessa as subjetividades do próprio intérprete-pesquisador.

Deste modo, para a pesquisa hermenêutica, o pesquisar meramente técnico acaba por invocar efeitos colaterais que podem não condizer fidedignamente com aquilo que é dito, ouvido e posteriormente interpretado (SPENCE, 2016). Não se deve porém, desprezar tais técnicas, mas aprofundar-se em suas raízes e proceder a uma reflexão sobre a sua elaboração e seus fundamentos. De toda sorte, não dever-se-á perder de vista o caráter humano e intencional do ato de pesquisar.

Diante do exposto, objetiva-se no presente ensaio, argumentar em favor de um método hermenêutico-fenomenológico de se vivenciar a pesquisa qualitativa e ainda, a partir dessa mesma perspectiva metodológica, proceder a compreensão das falas e vivências das pessoas ouvidas dentro processo de pesquisa. Especificamente, as reflexões aqui desenvolvidas utilizarão por base, a visada da Hermenêutica proposta Hans-Georg Gadamer.

---

<sup>1</sup> Segundo Struchiner (2007), a Fenomenologia, na contra-mão da tendência contemporânea de construir sentidos dogmáticos sobre os fenômenos, nos conclama a voltar às coisas mesmas, o que significa voltar ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*), ao mundo da experiência. Para isso, é necessário resgatar tanto a inocência quanto o rigor do olhar fenomenológico: olhar não apenas com os olhos, mas com os ouvidos, as mãos, com todos os sentidos – e também com o coração.

## CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA FENOMENOLÓGICA PARA A ATITUDE PESQUISADORA

A hermenêutica fenomenológica assenta-se sobre as filosofias de Heidegger, Gadamer, Ricoer, e Derrida e possui, no cerne de suas preocupações, fenômenos relacionados à atitude humana de ser-no-mundo (KLUTH, 2005). É, ao mesmo tempo, uma abordagem criativa, intuitiva, e dialética que desafia regras e procedimentos de pesquisa pré-determinados com vista a afastar o processo de pesquisar de uma dicotomia sobre a forma “certa” ou “errada” de se fazer as coisas (CROWTHER et al., 2016).

Como atitude metodológica, apresenta-se, dentro da pesquisa qualitativa e transdisciplinar, como uma proposta que intenta fazer entender e expressar, a percepção sobre os acontecimentos que se sucederam no entorno dos sujeitos envolvidos nas vivências e na solidariedade das ações que buscam o saber (DITTRICH; LEOPARDI, 2015). Isso significa que as raízes hermenêuticas da compreensão do homem emergem a partir da dúvida e do questionamento, ou seja, nascem do “corpo-criante”<sup>2</sup> que intenta dinamicamente, entender, significar, e se auto-criar-se diante da vida e dos desafios que lhes são impostos (SIDI; CONTE, 2017; GADAMER, 1997).

Nesse contexto, a hermenêutica fenomenológica argumenta em favor de uma tarefa de compreensão que se objetiva, *a priori*, à observação de um discurso autônomo por parte da pessoa entrevistada em relação ao pesquisador, para que esse último possa, posteriormente analisar, interpretar, compreender e descrever o fenômeno observado de maneira sistematizada e (co)vivida (DITTRICH; LEOPARDI, 2015), e nesse sentido, tudo que é dito, é dito por alguém, e portanto, o dizer é parte constituinte do “ser” do humano (MATURANA, 1995), logo, as estruturas discursivas humanas passam a fazer

---

<sup>2</sup> Conforme Dittrich (2010), por *corpo-criante* se quer entender o ser humano como um todo vivo dinâmico, inter-relacionado nas suas partes com capacidade de se autocriar, que implica a sua autonomia de se fazer constantemente, causando mudanças contínuas em si e fora de si, para a preservação da própria vida e a construção do conhecimento sobre o si, a sociedade e a natureza.

parte de uma organização maior, que se relaciona à forma de ser e de perceber o mundo em seu redor.

Por essa ótica, e diante de uma atitude pesquisadora, entender o corpo-criante é condição *sine qua non*, por parte do pesquisador, sem a qual a investigação fenomenológica não se sustenta, pois o pesquisador é, sem dúvida, o centro perceptivo do fenômeno analisado (DITTRICH; LEOPARDI, 2015). É importante salientar a importância de, por vezes, o pesquisador imergir no contexto cultural que se propõe a investigar, observando atentamente tudo o que lá ocorre, visando, intencionalmente interpretar e (re)conhecer o fenômeno mediante a busca de um sentido hermenêutico (SIDI; CONTE, 2017).

É demandada portanto, desse pesquisador hermeneuta, uma postura de abertura diante do fenômeno inquirido (SPENCE, 2016), para isso é necessário porém, permitir uma compreensão histórica daquilo que é investigado, o que exige, em essência, uma atitude de libertação diante dos próprios preconceitos e pré-entendimentos (GADAMER, 1997). Dessa maneira, poder-se-á ajustar progressivamente as questões e o foco do estudo, para que os posteriores resultados descritos sejam expressados por meio de adequadas palavras por parte daquele que (con)viveu no contexto da pesquisa e com seus participantes (ALVES, 1991).

O objetivo do pesquisador hermeneuta seria, segundo Spence (2016), ouvir, ponderar, analisar, questionar, e estimular o próprio pensamento, de modo a construir uma tese que seja tocante, provocativa, e que seja de fato, um reflexo sintetizado e fidedigno do fenômeno que fora pesquisado. Nesse sentido, os preconceitos existentes naquilo que Gadamer (1997) concebe como um fenômeno de fusão de horizontes<sup>3</sup> devem ser ponderados e analisados, pois potencializam as descobertas, ao tempo em que podem, ao mesmo tempo, limitá-las.

---

<sup>3</sup> Segundo Cardona (2016), dentro de uma abordagem gadameriana, "fusão de horizontes implica compreensão. Contudo, tal fusão não é suficiente para que aconteça a compreensão, nem tampouco para que, de antemão, se estabeleça o acordo sobre o "quê" e o "para quê" nos entendermos uns aos outros – condição do diálogo" (p. 56). Pelo contrário, é necessário, nessa esteira, que exista ou haja interpretação: desejo de saber o que o *outro* quer dizer, isto é, mais do que uma mera compreensão. É na interpretação que se dá a "autêntica fusão de horizontes e o desejo de compreender, de compreender-nos *a partir e pelo outro*" (p.56). Todos esses elementos estão pois, implicados na fusão de horizontes: a compreensão, a interpretação, o deslocamento do próprio ponto de vista para o ponto de vista do outro, etc.

A reflexão diante dos próprios preconceitos é, para a pesquisa hermenêutico-fenomenológica, pressuposto basilar, sem a qual uma tarefa investigativa não pode ser conduzida em uma atitude de abertura para com o ponto de vista do outro (MATOS; SILVA JÚNIOR, 2017; SPENCE, 2016; REGAN, 2012; RILLO, 2015), e nessa esteira também se inclui a necessidade de suspensão das proposições científicas como ideal de uma ciência rigorosa (GADAMER, 1997; SIDI; CONTE, 2017). O rigor na pesquisa hermenêutica requer que a ontologia, a epistemologia, bem como a metodologia e o método estejam em congruência uns com os outros (SPENCE, 2016).

Assim, o próprio ato de perguntar deve vir imbuído de um querer-saber autêntico, o que pressupõe uma atitude de abertura em relação ao verdadeiramente novo, ou seja, aquilo que desafia os apriorismos já existentes (ARAÚJO; PAZ; MOREIRA, 2012). O primado da hermenêutica repousa portanto, sobre o ato de perguntar, e para se proceder a tal ato é preciso antes querer saber, ou seja, desejar aquilo que ainda não se sabe ou não se conhece (GADAMER, 1997). A tradição hermenêutica rejeita o conceito de mundo unitário dotado de realidades, mas preceitua a existência de verdades, aspectos diferenciados da mesma realidade, construídas através da autoridade e da tradição (SIDI; CONTE, 2017; ARAÚJO; PAZ; MOREIRA, 2012).

## **COLETA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS: UMA PERSPECTIVA GADAMERIANA**

Segundo nos diz Gadamer (1997), ler um texto hermeneuticamente significa considerar a experiência de choque e de estranhamento que, naquele momento, nos afeta. Diante do ponto de vista da hermenêutica, interpretar significa compreender novas, estranhas, e alheias verdades, portanto refletir sobre a questão do método analítico parece adequado. Segundo Minayo, Deslandes e Gomes (1992), entrevistas são muito mais do que um instrumento para meros relatos, e incluem, certamente, um componente de intencionalidade. Se baseiam pois, em um movimento dialético de perguntas e respostas, que possibilitam o emergir de informações a partir dos sujeitos-objetos que estão ali sendo investigados. Trata-se de uma oportunidade de conhecer o

contexto do fenômeno estudado, e de (re)conhecer a realidade histórica na qual habita o entrevistado (SIDI; CONTE, 2017).

Há de se dizer que parece existir uma espécie de tensão entre, os métodos práticos de coletar e analisar dados, e a orientação que nos é trazida pela hermenêutica gadameriana (CROWTHER et al., 2016). Esta última privilegia uma perspectiva ontológica para se perceber a literalidade emergida nas referidas falas, em detrimento de perspectivas mais epistemológicas ou etnográficas (SPENCE, 2016; CROWTHER et al., 2016). A análise hermenêutica exige que o pesquisador “habite” o contexto dos dados pesquisados, e aguarde, pacientemente, a chegada de novos *insights* e entendimentos sobre os mesmos (VAN MANEN, 2014). Para tal, é preciso que este se faça atento à mais do que as meras palavras transcritas, não se tratando tão somente daquilo que “é” descrito ou falado, mas ainda sobre o modo e a atitude daquele que lhe fala (SPENCE, 2016).

Enquanto ferramenta de análise e interpretação, a hermenêutica auxilia e possibilita a exploração dos significados e a contextualização das palavras proferidas pelo entrevistado (CROWTHER et al., 2016). Até porque dentro de uma determinada situação de conversa entre duas pessoas emerge um movimento dialético de atribuições de sentidos e significados que é, ao mesmo tempo dinâmico, e intencional. É dinâmico porque sentidos e significados são construídos, inclusive no decorrer da tarefa de “vir-à-fala” (GADAMER, 1997), ou seja, se constroem a partir de um movimento de projeção da coisa ou idéia em si, na direção de uma tarefa de estruturação linguística: o construir da fala ou da resposta. E por outro lado é também intencional, pois toda conversa, ou atitude interpretativa, emerge com uma mira ou um foco, logo se há fala, há também confrontação, pois quando há a intencionalidade manifesta em forma de uma pergunta, também se supõe qual pode ser a sua resposta (GADAMER, 1997).

Pragmaticamente, isso significa que o caráter da linguagem forma a base do ato de perguntar e de responder (GADAMER, 1997). É como se desse jogo de palavras executado por pessoas bastante diferentes emergir-se-ia significados e verdades que são apreendidas em comum ali, naquele momento hermenêutico. E quando se fala de abertura e de superação dos próprios preconceitos dentro do contexto de uma

determinada conversa ou entrevista, deseja-se dizer que é essa atitude que irá possibilitar a emergência de compreensões que sejam verdadeiramente novas, e distantes de verdades apriorísticas e por vezes pretensivas. Para o pesquisador, isso pode significar que se tenha que proceder com paciência, leveza, e ponderação junto àquilo que, por vezes, não é imediatamente compreendido (SPENCE, 2016). Dessa postura, paciente e ponderada poderão emergir, mesmo sem se notar, novos sentidos, significados e, a partir daí, novas verdades (WELWOOD, 1996).

Diante de uma tarefa de pesquisa, em geral, o momento posterior à entrevista é a análise e interpretação das falas obtidas, e nessa tarefa, cabe ao pesquisador, em uma atitude hermenêutico-filosófica, intentar em um procedimento de reconstrução e de integração das falas e respostas ao movimento discursivo da atualidade (SIDI; CONTE, 2017). É pois, o momento de significar os dados coletados, que é a narrativa do sujeito, e que agora passa a adquirir nuances que levam em consideração o contexto social-político-econômico-cultural-vital da pessoa do pesquisador (GHEDIN, 2004). E nesse contexto, faz todo sentido manter em mãos as gravações e transcrições das entrevistas para depois interpretá-las, inclusive as anotações a respeito de informações paralinguísticas como suspiros, ironias, sorrisos, etc (CROWTHER et al., 2016; BARDIN, 2000).

Ilustrativamente, pode-se comparar a experiência da fala do sujeito entrevistado com uma obra de arte: ambas são produtos históricos e podem portanto ser objetos de investigação científica (GADAMER, 1997), porém tal como uma obra de arte, a experiência narrativa humana não pode ser esgotada pelo seu próprio conceito, pois a objetividade na investigação histórica é apenas uma de suas vertentes, e esta é secundária, logo o que realmente caracteriza a experiência histórica é o fato de “nos encontrarmos num acontecer sem saber como isso nos acontece, e somente na reflexão nos darmos conta do que aconteceu” (GADAMER, 1997 p. 333). Eis que a contribuição da hermenêutica parece nos dizer que a história deve, de novo e a cada vez, ser reescrita a partir de cada presente.

Em um pesquisar hermenêutico, Spence (2016) sugere cinco perguntas sobre as quais, deve o pesquisador refletir, antes e durante as etapas de análise e de interpretação dos dados obtidos, são elas:

- Que pré-entendimentos estou trazendo para o processo de pesquisa?
- Como meus entendimentos se fundem com os dos textos dos participantes e outras literaturas?
- Onde estão minhas respostas emocionais sinalizando o que é importante para mim?
- À que não estou vendo ou reagindo?
- Algumas interpretações são privilegiadas sobre outras?<sup>4</sup>

Permanecer aberto diante das interpretações oriundas dos dados coletados requer um processo de reflexão constante no sentido de ler, pensar, questionar, e mesmo escrever as impressões obtidas (VAN MANEM, 2014). O intuito desse movimento é exercitar as características crítico-criativas do pensar acadêmico do pesquisador (ROLFE, 2009), para assim fazer surgir um movimento de não caminhar até as compreensões, mas se permitir estar aberto à elas a medida em que elas vêm até você (SPENCE, 2016).

Nessa etapa, a atenção em torno do tema da linguagem demanda algumas considerações. Em pesquisa qualitativa por exemplo, a coleta de dados se dá, na maioria das vezes, a partir de um de uma conversa ou diálogo (SIDI; CONTE, 2017), e essa é pois, um processo de acordo para com a verdade do outro (GADAMER, 1997). Isso significa deixar espaço para os pontos de vista alheios e colocar-se em seu lugar, porém, não como alguém que intenta perceber o mundo pelos olhos do outro, mas como quem tenta compreender a sua individualidade e entender aquilo que o outro diz, a partir de seu próprio olhar (GADAMER, 1997).

Aqui, o que está em jogo é o significado da fala ou do texto (SIDI; CONTE, 2017) e, a interpretação adequada dessas informações deve se construir através de intensos e constantes questionamentos (SPENCE, 2016). Trata-se de questionar: o que é verdade e para quem? E de conceber que uma estória falada sempre será mais rica e

---

<sup>4</sup> Retirado de Spence, D., 2016. Supervising for Robust Hermeneutic Phenomenology: Reflexive Engagement Within Horizons of Understanding. *Qualitative Health Research*, 10, pp.971-980 p.4.

complexa para aquele que a conta do que aquele que a ouve poderia compreender (CROWTHER et al, 2016). Portanto, a caminhada intuitiva na direção das conclusões a respeito de signos linguísticos escritos ou falados deve ser precedida de uma atitude paciente e ponderada (VAN MANEN, 2014), pois a forma como as idéias são escritas ou comunicadas exercem demasiada importância quanto ao resultado final e a congruência dos delineamentos metodológicos (WATSON; GIRARD, 2004).

Em uma situação de coleta, análise e interpretação de dados emerge ainda uma preocupação relacionada ao poder e à autoridade exercida pelo entrevistando. Por exemplo, muitos autores argumentam que o pesquisador na condição de entrevistando exerce uma condição de maior poder sobre os participantes de sua pesquisa, e isso, diga-se, ocorre independente do método ou abordagem (CROWTHER et al, 2016; SANDELOWSKI, 2011). Quanto ao tema, Foucault (1982) argumenta que as relações de poder estão em todo lugar, a todo o tempo, e em todas as relações cotidianas. Portanto, o simples ato de examinar falas transcritas a partir dos próprios entendimentos supõe uma posição de autoridade sobre elas (VAN MANEN, 2014). Pela perspectiva da hermenêutica, o pesquisador é compelido a articular seus pré-entendimentos a respeito do fenômeno pesquisado, e a observar quais relações de poder podem se fazer presentes no contexto da pesquisa (SMYTHE, 2011). Estar alerta para o impacto dos próprios conceitos e idéias apriorísticas durante a tarefa auditiva-interpretativa é um imperativo para uma atitude hermenêutico-fenomenológica (GADAMER, 1997).

A principal preocupação da análise hermenêutica repousa sobre fazer emergir, a partir do compartilhamento de uma fala sobre a experiência humana, significados que possam ser explicados e, assim ressoar aos ouvidos dos ouvintes e leitores. E nessa tarefa, há um intuito de revelar o que repousa ‘sobre’, ‘entre’ e por ‘de trás’ daquelas palavras que foram ditas, de modo a tentar traduzir, ou ao menos se aproximar, da verdade de mundo, do contexto, e do fenômeno pelas lentes do entrevistado.

## **“CONSTRUINDO HISTÓRIAS” (CRAFTING STORIES) - UM MÉTODO HERMENÊUTICO DE ANÁLISE.**

O compartilhamento de histórias é uma forma de dar testemunho no presente sobre eventos do passado, não importando se essas são contadas para fins de pesquisa, ensino, ou mero entretenimento, há sempre, e inevitavelmente uma tarefa hermenêutica envolvida. Isso também envolve ações de, pelo menos, duas pessoas, aquele que conta e aquele que ouve, e então interpreta. No presente tópico, referir-se a uma estória como uma comunicação oriunda da transcrição literal de uma entrevista em pesquisa qualitativa. A presente tarefa de análise consiste em construir uma estória que sintetize e aprimore a crua literalidade de uma entrevista.

Tal método hermenêutico de análise de dados é descrito por Crowther et al. (2016), e baseia-se em partes no trabalho de Van Manen (2014), em particular, na sua obra *Phenomenology of Practice*. Tal método exige que o pesquisador trabalhe “junto” dos dados obtidos, e não “com” eles. Isso significa, ao pesquisador, incumbir-se em ter que “habitar” o texto transcrito e confrontá-lo, por mais de uma vez, até que dele se possa extrair uma descrição vívida, contextualizada, e reveladora sobre as nuances do fenômeno inquirido. Uma estória fenomenológica bem construída pode abrir caminhos e revelar jeitos de ser, pensar, e agir que muitas vezes passam despercebidos por outros métodos analíticos (CROWTHER et al, 2016). Possuem pois, a condição de comunicar o modo como as pessoas fazem sentido dos eventos que vivenciam, tratando-se de tentar traduzir a visão do entrevistado sobre o fenômeno vivenciado naquele exato momento em que fora inquirido e relatado. Através dessa atitude analítica intenta-se a revelar a natureza ontológica das dados obtidos. Para começar, as falas precisam ser transcritas em sua literalidade, incluindo-se na transcrição aspectos paralinguísticos considerados importantes para o pesquisador, tais como mudanças no tom de voz, ritmo de fala, choros, risadas, entre outros tantos possíveis. A figura 1 se trata de uma transcrição literal de uma situação real e fática de entrevista, os nomes de pessoas e lugares estão, por motivos de sigilo, omitidos.

## Figura 1: Exemplo de uma transcrição

Entrevistador: Então, como é o contato da Sra. com o contexto do sofrimento mental e a pessoa do seu irmão?

Entrevistada: Meu irmão se chama [REDACTED], ele tem esquizofrenia. Usou drogas por muitos anos, desde que ele tinha 13 anos. Hoje ele está com 44. Acredito que isso tenha potencializado ou tornado pior essa situação de doença. Ele mora com minha nossa mãe e com uma outra irmã nossa. Eu me mudei recentemente pra essa casa e hoje moro só.

Entrevistador: Conte-me como foi o início dessa doença, como e quando vocês descobriram?

Entrevistada: Quando ele começou a apresentar os primeiros sintomas nós, os familiares, achamos que ele estava enlouquecendo, perdendo o juízo mesmo. Somente nos últimos 2 anos ele foi diagnosticado com esquizofrenia, 2 anos e pouco na verdade. Ele já foi internado 2 vezes, todas foram compulsórias, tivemos que chamar os bombeiros para levá-lo, só que os bombeiros só levam se nós tivermos a documentação com o laudo dele. Isso as vezes dá muito trabalho, tem que ir na defensoria, ficar pedindo, ficar indo atrás.

Entrevistador: E desde então, como tem sido pra vocês?

Entrevistada: É difícil. Uma vez ele foi internado no Hospital [REDACTED] e ficou bem, as pessoas cuidaram bem dele, deram remédios certinhos, ele ficou muito bem, deram atenção pro tratamento dele, foi muito bom ir lá e perceber que ele estava melhorando, só que outra vez ele foi pro Hospital [REDACTED], lá eu não gostei, ele ficou dopado, tava babando, deram remédios muito fortes, não gostei mesmo, não cuidaram bem dele. [REDACTED] tem aquela mania de acumular lixo, é um acumulador de lixo. Ele pega os lixos da rua e leva para o quarto dele, às vezes chega de abrir o forro do teto pra poder guardar lixo lá em cima. Isso é perigoso, lixo transmite doenças. Temos que jogar o lixo fora meio que perto da hora do lixeiro passar, porque se ele perceber ele vai lá e pega e leva de volta pro quarto dele. Não deixa tirar, queria saber porque ele é tão apegado com o lixo, o que isso significa pra ele? Já chegou de ir traficante lá em casa cobrando dívida de 50 papéletes de cocaína que ele tinha pegado pra vender, só que não vendeu, ele usou, daí tivemos que conversar, explicar, e por fim dissemos que íamos pagar a dívida. Ele já foi preso várias vezes.

Entrevistador: E falando dos vizinhos, amigos, como isso tudo é para com o [REDACTED] e a sua situação de doença?

Entrevistada: Hoje ele está melhor, ele sai pra rua mais sempre volta. Graças a Deus. O pessoal da vizinhança ajuda a cuidar, sempre falam... vi o [REDACTED] em tal lugar, ele tava lá, passou por aqui, etc... isso ajuda muito, porque as pessoas tem um pouco de carinho por ele, todos já o conhecem, e ele passeia pelo bairro, mas as vezes vai longe, pega ônibus e acaba por chegar bem longe, mas sempre consegue voltar. Todos os dias ele toma café da manhã no CAPS [REDACTED], só que o café da manhã é muito fraco, nem sempre tem pão, as vezes não tem quase nada, acho que eles podiam fazer mais pelo [REDACTED], ter mais atividades pra ocupar ele, ter uma psicóloga que se preocupasse realmente em atender ele e ver o que ele gosta de fazer, até pra eu poder saber onde levar ele. Graças a Deus tem o CAPS, mas poderia ser melhor, porque lá tem gente de todo tipo e jeito, são muitos pacientes, de várias doenças.

Entrevistador: Como assim? O que poderia ser feito para melhorar a situação de vocês?

Entrevistada: O que eu queria mesmo era que alguém atendesse o [REDACTED], pq só prescrevem remédio, e as vezes ele não se adapta muito bem com eles, por isso compramos os remédios de farmácia mesmo, os de marca. Minha mãe mora no bairro [REDACTED] tem mais de 20 anos, a casa é simples, de madeira, por lá, todo mundo que tem casa simples tá vendendo e indo embora, mas ela não quer vender não, ela gosta de lá, o [REDACTED] tá acostumado, lá todo mundo ajuda a cuidar dele. Os vizinhos falam: por que vocês não vendem e vão embora? Compram um lugar maior, mais longe, mais espaçoso, é melhor por [REDACTED], pra vocês cuidarem dele. Mas a gente prefere ficar lá, é melhor, todo mundo já conhece a gente. As vezes o [REDACTED] vai e pede comida na padaria, mesmo estando com dinheiro, ele faz isso. As pessoas tem medo dele, muito medo... medo... medo... isso é o que vem na minha cabeça quando penso nas pessoas quando elas escutam falar em esquizofrenia, é medo.

Entrevistador: O que mais vem à mente da Sra. quando ouve a palavra esquizofrenia?

Entrevistada: A palavra medo é muito forte. Hoje mesmo fui comprar umas roupas pra ele e pessoal não veio me atender direito, pois ficaram com medo, às vezes ele mexe na TV e desplugue os cabos, a menina que sabe arrumar não vai, ela tem medo dele, é uma vizinha nossa. Quando estou sozinha as pessoas agem de uma forma totalmente diferente comigo, me abraçam, me beijam, conversam, ficam perto, ficam juntas, mas quando to com o [REDACTED] elas se afastam, tem medo. Cumprimentam de longe. Eu acho até que a mídia contribui muito com o problema do medo e do preconceito, por exemplo, teve semana retrasada um rapaz que bateu uma criança no asfalto num ponto de ônibus, os jornais noticiaram que ele tinha esquizofrenia, e tinha mesmo, morava sozinho, não estava tomando os remédios dele, inclusive quando ele voltou a si não acreditava no que tinha feito. E é perigoso mesmo, quando surtam.

Entrevistador: E para a família, como é?

Entrevistada: Depois que ele saiu de uma das internações pediu pro pai dele pra morar com ele, ele só é nosso irmão por parte de pai. O pai dele disse que não, disse que não podia, que não tinha como, que não estava preparado, muito ocupado, ou seja dispensou ele. Eu escolhambeei o pai dele, disse um monte de coisa pra ele, onde já se viu, negar o filho. Eu cuido dele ( chorando...) cuido muito dele, mas queria entender melhor o que ele pensa, o que está na cabeça dele, não sei se levo ele pra fazer algum esporte, ou se compro um videogame... Quería que alguém conversasse com ele pra poder entender melhor ele, ajudar a ver o que ele gosta, eu não sei o que ele gosta, queria saber... queria saber o porquê de todo aquele lixo, mas ele não fala, não fala quase nada, mas escreve ele gosta de escrever, ele copia as coisas que ele lê, eu comprei uns cadernos pra ele, e ele escreve... bastante... (sentimento de tristeza no ar)... (momentos de silêncio)... (discute-se sobre a possibilidade de tratamento, pra ele e pra ela) (combina-se de fazer alguns contatos e ver novas possibilidades de acompanhamento psicológico para a entrevistada) ... (explica-se para a entrevistada que isso pode fazer bem pra ela e inclusive fazê-la entender e cuidar melhor do irmão)...

Encerra-se a entrevista.

Para se proceder à construção da estória, alguns passos são sugeridos, um deles se trata da remoção de detalhes desnecessários que não enriquecem a narrativa, como por exemplo “como o tempo estava”, ou se o “trânsito não estava dos melhores”, aqui

se trata de comentários gerais e impessoais, verificáveis caso a caso e, se constatados, devem ser suprimidos (CROWTHER et al, 2016). Outro ponto diz respeito a construir o texto no formato de uma estória, ou seja, deve-se contar o que aconteceu e como isso foi experienciado. Por último, deve-se manter as frases que parecem fazer sentido e manter a narrativa, removendo outras que, embora relevantes, se repetem, ou expandem a narrativa para pontos indesejáveis e distantes do fenômeno investigado.

A estória deve ser fluída. Isso significa adicionar palavras ou pequenas sentenças que conectem períodos narrativos correlacionados; adicionar pequenos detalhes sobre o contexto daquele período da narrativa; elaborar um pouco mais a gramática e eliminar possíveis erros ortográficos e de concordância; e por último ler a estória elaborada em voz alta para se perceber como ela soa e, se necessário voltar ao texto transcrito para readicionar detalhes que possam fazer diferença ou modificar algum sentido. A figura 2 se trata de uma estória construída a partir da transcrição apresentada na figura 1. Aqui, os nomes não foram suprimidos, mas trocados para fins de fluidez textual.

### **Figura 2: Estória construída**

Meu nome é Francisca e eu tenho um irmão em situação de doença mental, ele tem esquizofrenia. Ele está com 44 anos, e fez uso de drogas desde os 13. Parece que isso contribuiu para desencadear e mesmo agravar sua situação de doença. Hoje ele mora com a nossa mãe e com a minha outra irmã, eu mesma não moro mais lá, mas sou a cuidadora regular dele, seu nome é Júlio.

Fazem cerca de 2 anos que ele foi diagnosticado com esquizofrenia, antes do diagnóstico nós não conhecíamos essa doença, achávamos que ele estava enlouquecendo, perdendo a cabeça mesmo... Já tivemos que interná-lo duas vezes por conta dessa doença, ambas as vezes compulsoriamente e com ajuda de bombeiros. Foi muito difícil pra nós, ele não queria ser internado, não entendia o porquê daquilo. Da primeira vez foi num lugar muito bom, muito acolhedor, cuidaram bem dele e o acompanharam de perto, já na segunda, fui num outro lugar, achamos muito ruim, ele era constantemente dopado e sedado de uma maneira desproporcional, ficava babando, era uma situação de muita tristeza.

Um dos maiores problemas que vêm com a doença do meu irmão é o fato dele acumular lixo dentro de casa. Ele pega da rua e leva pro quarto dele, chegando a deixar em cima do forro do teto. Não deixa limpar de jeito nenhum! Gostaria muito de saber o porquê disso... O que esse ato significa para ele? Outro problema é a combinação da doença com o uso esporádico de drogas, hoje ele não usa mais, mas já houve tempo de ir traficante em nossa casa para cobrar dívidas, no final, tivemos que pagar. Meu irmão já foi preso várias vezes.

Ele vai todas as manhãs no CAPS, toma café da manhã lá, mas penso que poderia ser melhor. Poderiam propor mais atividades, fazer um atendimento mais individualizado e melhor, poderiam se preocupar mesmo com a situação dele. Mas ainda vem que tem o CAPS, se não tivesse, ele estaria pior. Mas pode melhorar, com certeza! Bom mesmo seria se alguém da psicologia o atendesse regularmente, até pra poder nos instruir corretamente sobre o que é melhor pra ele e também para explicar a forma como ele pensa. Mas lá são muitos pacientes, tem todo tipo de gente, várias doenças diferentes.

Hoje a nossa situação já é um pouco melhor, ele já tem condições de sair pra passear e voltar sozinho, é claro que a vizinhança ajuda a cuidar, e se tiver algum indício de problema, a notícia chega bem rapidamente. As pessoas do nosso entorno tem uma espécie de carinho por ele, ajudam muito a cuidar. As vezes chegam a sugerir que nos mudemos para longe, vender a casa ali no bairro e comprar uma mais distante e maior, dizem que vai fazer bem pra ele, que seria melhor. Penso que não é bem assim, ali, todos nos conhecem, e isso ajuda muito no cuidado e na vigilância.

As pessoas têm medo dele. Muito medo. Isso é o que me vem à mente quando penso na esquizofrenia: as pessoas têm medo! Quando estou só, as pessoas se relacionam comigo de um modo mais natural, solto, me abraçam, chegam perto, já quando meu irmão está junto, o tratamento é o extremo oposto, cruzam pro outro lado da rua, cumprimentam de longe...

Para a família isso cuidar dele é sempre muito difícil. Uma vez ele pediu pro pai dele para morar junto (somos irmãos apenas por parte de mãe), e o pai disse não poder, o dispensou, sem mais nem menos. Onde já se viu, negar o próprio filho. Eu cuido dele, e me emocio quando falo isso, choro bastante, é meu irmão mais novo, mas queria poder saber mais e cuidar melhor, queria saber o porquê de todo aquele lixo, mas ele não fala, não fala quase nada. Queria saber o que ele gosta de fazer, ocupá-lo mais. Semana que vem vou levá-lo num projeto de esportes, quem sabe ele gosta.

O processo interpretativo ao final dessa etapa envolve o auto-questionamento sobre as seguintes questões (CROWTHER et al, 2016; SPENCE, 2016):

- A estória construída demonstra a experiência do entrevistado?
- Ela faz com que o leitor se engaje em sua leitura?
- Traduz e mantém o significado da transcrição tal como foi tentado pelo entrevistado?
- Conseguiu-se formar novos sentidos ao transformar a transcrição em estória?
- Funciona como uma estória?
- Precisa de algum aprimoramento final?<sup>5</sup>

A depender das respostas dos questionamentos acima citados, pode-se fazer necessário o retorno às transcrições, ou mesmo às gravações iniciais. No mais, para um melhor aprimoramento da estória, pode-se retornar a ela após alguns dias e proceder em uma nova reflexão sobre aquilo que fora construído, pois a tarefa hermenêutica é, sobretudo dinâmica e amplamente dependente do espaço e tempo ao qual pertence.

## **A ESCRITA HERMENÊUTICA**

Sintetizar através de palavras os resultados da análise dos dados obtidos é uma tarefa que deve, dentro de uma perspectiva hermenêutica, ser elaborada junto a uma escrita reflexiva (McAFFREY et al., 2012). Isso significa que o processo de elaboração do componente textual final de determinada pesquisa deve ser desenvolvido através de questionamentos, escolha adequada de palavras, de seus significados, e da constante confrontação sobre as contradições emergentes. A maneira com que as idéias são transferidas por intermédio da escrita exercerá relevante influência tanto em termos de significados pretendidos como também em relação a congruência metodológica (SPENCE, 2016).

Nesse sentido, a seleção de palavras por parte do pesquisador ao proceder em sua análise e escrita é uma etapa crítica da pesquisa, e demanda portanto, o uso de

---

<sup>5</sup> Retirado de Crowther, S., Ironside, P., Spence, D., & Smythe, L. (2017). Crafting Stories in Hermeneutic Phenomenology Research: A Methodological Device. *Qualitative Health Research*, 27(6), 826–835.

dicionários técnicos que auxiliem na contextualização daquilo que está sendo, por ele, escrito (SANDELOWSKI, 2011). O uso de palavras no gerúndio é amplamente aconselhado pois estas auxiliam numa significação mais ontológica daquilo que está sendo dito, em vista de outros termos com significados mais absolutos (SPENCE, 2016). Outrossim, expressões como “podem ser vistos”, “sugere-se”, “estima-se”, “parece ser”, flertam com uma abertura de possibilidades que é inerente ao pensamento hermenêutico, ao tempo em que impedem que idéias sejam precocemente concluídas e fechadas (CROWTHER et al, 2016).

Finalmente, as seguintes etapas reflexivas são sugeridas ao escrever as impressões sobre os dados interpretados:

- Essa é a melhor palavra / frase? O leitor interpretará isso da mesma maneira que você pretende?
- Como as palavras usadas permitem e limitam a compreensão?
- Como a interpretação facilita o diálogo contínuo e a possibilidade de chegar a um entendimento diferente?<sup>6</sup>

Tal estratégia procedimental serve ainda como lembrete sobre a importância de superar os próprios preconceitos e conscientizar o escritor sobre a sua própria consciência histórica, tal como é proposto por Gadamer (1997). Cabe ainda dizer que, embora teses devam ser apresentadas como argumentos de sustentação, o pesquisador hermenêutico deve priorizar o ato de “demonstrar” em vista do ato de “concluir” determinado achado de sua pesquisa (CROWTHER et al, 2016; SPENCE, 2016). Paradoxalmente, uma boa tese hermenêutico-fenomenológica deve, ao mesmo tempo, mostrar e dizer seus resultados, pois estes são percebidos a partir de uma relação dialética de experiências humanas, e como tais devem possibilitar uma contemplação que enseje uma abertura de possibilidades para o seu leitor (SPENCE, 2016). Como diria Gadamer (1997): “teria sido um péssimo hermeneuta aquele que pensa ter, ou pensou ter tido, a última palavra” a respeito de algo.

---

<sup>6</sup> Retirado de Spence, D., 2016. Supervising for Robust Hermeneutic Phenomenology: Reflexive Engagement Within Horizons of Understanding. *Qualitative Health Research*, 10, pp.971-980 p.5.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceber a hermenêutica fenomenológica enquanto atitude metodológica para pesquisa qualitativa implica na tentativa de abster-se de suposições teóricas, polêmicas, supositórias e emocionais que podem intoxicar o processo de pesquisa (VAN MANNEN, 2014). Significa, para o pesquisador, permitir a emersão de insights e a manutenção de seu foco sob aquilo que é mais importante: a verdade percebida pelos olhos da pessoa interpelada (SPENCE, 2016). Para tal, é preciso imersão no contexto histórico e vivencial do fenômeno pesquisado e das pessoas entrevistadas.

A pesquisa hermenêutica se relaciona menos com o estabelecimento de regras e procedimentos metodológicos do que em se manter fiel ao espírito de sua filosofia (SPENCE, 2016). A abordagem impele portanto, o pesquisador, a habitar as obras de seus principais expoentes, como Gadamer, Heidegger, entre outros relevantes filósofos. Não estabelece um *setting* metodológico, mas aduz que as decisões sobre cada etapa da pesquisa sejam feitas de maneira ponderada e reflexiva, que se ligue à noção aristotélica de uma filosofia prática (CARR, 2006).

Pelo fato de endossar o conhecimento prático e moral em detrimento do epistemológico e técnico, a abordagem hermenêutica parece exercer, dentro do campo da saúde, um papel relevante no que tange a possibilitar o emergir dos aspectos outrora soterrados pelo imediatismo sanitaria dos novos tempos. Fazer pesquisa hermenêutico-fenomenológica implica numa auto-abertura em prol de uma jornada contemplativa para novos pensamentos, questionamentos, e escrita.

E para que os resultados da pesquisa possam apresentar uma síntese próxima à realidade do fenômeno pesquisado, a confrontação dos próprios preconceitos diante do cenário pesquisado é tarefa imperativa. Situar tais pré-entendimentos frente à realidade histórica e cultural encontrada no decorrer da pesquisa pode auxiliar o pesquisador na abertura de horizontes e de possibilidades exploratórias. No mais, incorporar incessante reflexão e questionamento até se obter o produto final da pesquisa, bem como utilizar-se criteriosamente de frases e palavras que possam traduzir significados adequados àquilo que se deseja transmitir, é ainda um bom recurso nessa jornada hermenêutica.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 77, p. 53-61; 1991.

ARAÚJO, J. L. de; PAZ, E. P. A.; MOREIRA, T. M. M. Hermenêutica e saúde: reflexões sobre o pensamento de Hans-Georg Gadamer. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 46(1), 200-207, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70: Lisboa. 2000.

CARR, W. Philosophy, methodology and action research. **Journal of Philosophy of Education**, 2006.

COSTA, M. L.; BERNARDES, A. G. Práticas docentes e enfrentamentos: de um modelo de intervenção a um modelo de cuidado. **Série-Estudos**. Campo Grande, MS, n. 35, p. 157-172, jan./jun. 2013.

CROWTHER, Susan et al. Crafting stories in hermeneutic phenomenology research: A methodological device. **Qualitative health research**, v. 27, n. 6, p. 826-835, 2017.

DITTRICH, Maria Glória. Criatividade e arte, espiritualidade e cura. **Blumenau: Nova Letra**, 2010.

DITTRICH, Maria Glória; LEOPARDI, Maria Tereza. Hermenêutica fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas. **Discursos fotográficos**, v. 11, n. 18, p. 97-117, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.

GHEDIN, Evandro. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. **Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, v. 2, p. 1-14, 2004.

KLUTH, Verilda Speridião. **Estruturas da álgebra: investigação fenomenológica sobre a construção do seu conhecimento**. 2005.

MATOS, V. C. A. de S.; SILVA JUNIOR, A. F. Reflexões da hermenêutica filosófica para a prática do psicólogo em contexto hospitalar. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 23(1), 84-94. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, p-95; 2016.

PECK, B.; MUMMERY, J. Hermeneutic constructivism: An ontology for qualitative research. **Qualitative Health Research**, 28, 389-407. 2018.

REGAN, P. Hans-Georg. Gadamer's philosophical hermeneutics: concepts of reading, understanding and interpretation. **META: research in hermeneutics, phenomenology, and practical philosophy**. 4(2):286-303. 2012.

RILLO, A. G. Análisis hermenéutico de la pregunta por la salud. **Humanidades Médicas**, 15(3), 401-420. 2015.

ROLFE, Gary. Writing-up and writing-as: Rediscovering nursing scholarship. **Nurse Education Today**, v. 29, n. 8, p. 816-820, 2009.

SANDELOWSKI, Margarete. When a cigar is not just a cigar: Alternative takes on data and data analysis. **Research in nursing & health**, v. 34, n. 4, p. 342-352, 2011.

SIDI, Pilar; CONTE, Elaine. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. 4, p. 1942-1954, 2017.

SMYTHE, Elizabeth. From beginning to end: How to do hermeneutic interpretive phenomenology. In G. Thomson, F. Dykes, & S. Downe (Eds.), **Qualitative research in midwifery and childbirth: Phenomenological approaches** (pp. 35–54). London: Routledge. 2011.

SPENCE, D. Supervising for Robust Hermeneutic Phenomenology: Reflexive Engagement Within Horizons of Understanding. **Qualitative Health Research**, 10, pp. 971-980. 2016.

STRUCHINER, Cinthia Dutra. Fenomenologia: de volta ao mundo-da-vida. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 13, n. 2, p. 247-251, 2007.

CARDONA, Teresa Arbelaez. Diálogo: fusão de horizontes-para uma fundamentação gadameriana da antropologia pedagógica//Dialogue: fusion of horizons-for Gadamerian foundation of pedagogical anthropology. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 21, n. 1, p. 46-62, 2016.

VAN MANEN, M. **Phenomenology of practice: Giving meaning methods in phenomenological research and writing**. 2014.

VASCONCELOS, Ana Lúcia Fontes de S.; ARCOVERDE, Ana Cristina Brito. O rigor científico em pesquisa quanto à fidelidade e à validade dos resultados obtidos: uma experiência da utilização da técnica qualitativa na prática avaliativa. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 6, n. 2, p. 1-16, 2007.

WATSON, Lorraine A.; GIRARD, Francine M. Establishing integrity and avoiding methodological misunderstanding. **Qualitative health research**, v. 14, n. 6, p. 875-881, 2004.

WELWOOD, John. **Journey of the Heart: Path of Conscious Love**, The. Harper Collins, 1996.